

RUA CASTELNUOVO

Decreto nº 3418 de 05-05-1969

Decreto nº 5245 de 07-10-1977

Formada pela rua "A" da Vila Castelo Branco e
 rua 10 continuação da Vila Padre Manoel de Nóbrega - 2a. parte

Início na rua Transamazônica

Término na rua José Rosolén

Vila Castelo Branco

Obs.: O decreto nº 3418/69 foi assinado pelo Pre-
 feito Municipal Orestes Quércia e o decreto nº 5245/77 pelo Prefeito
 Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 8.957 de 15-04-1977.

CASTELNUOVO

Das mais importantes e merecedoras dos maiores encomios a lem-
 brança do saudoso vereador Anatole Brasil Noronha Sales ao apresentar
 na edilidade campineira a indicação para se perpetuar em ruas de nos-
 sa cidade, os nomes das gloriosas conquistas da Força Expedicionária
 Brasileira em Campos da Itália. Castelnuovo é uma delas e refere-se a
 brilhante vitória dos brasileiros em 05-março-1945. Castelnuovo foi u-
 ma ação militar de que o Brasil pôde se orgulhar, tipo de manobra tá-
 tica bem planejada e magnificamente executada. Coube ao 6º Regimento
 de Infantaria realizar, neste combate, audaciosa progressão, no flan-
 co dos teutos, pelas cristas eriçadas de picos, com o objetivo de cor-
 tar-lhes a retirada. Em toda a operação, foram os brasileiros alvo de
 intenso bombardeio dos canhões, bazucas e metralhadoras germanicas. Es-
 tes bem situados, geralmente nos topos dos montes e montanhas, prote-
 gidos por casamatas, através de compacta concentração de fogos das ar-
 mas automáticas, alvejavam aos brasileiros, procurando impedir-lhes a
 ação. Localizados com precisão, esses núcleos defensivos alemães, pas-
 saram a ser alvo de bombardeios violentos de nossos morteiros, o que
 passou a facilitar a execução de um pequeno movimento de nossas for-
 ças contra o flanco da resistência contrária. Os resultados foram de-
 cisivos, forçando os alemães ao retraimento. Com isso os expedicioná-
 rios dominaram Soprasasso, de onde se lançariam sôbre o povoado de
 Castelnuovo. Do outro lado, o 11º Regimento de Infantaria, através de
 intensa barragem de metralhadora e um campo de neve com suas passagens
 obrigatórias totalmente minadas conquistava La Spiaggia e por volta
 das 16 horas, capturava o casario de C. Bonzone, completando o desbor-
 damento de Castelnuovo. Pouco faltava para às 19 horas quando elemen-
 tos da 3a. Cia. do 6º R.I. entravam vitoriosos em Castelnuovo. Esboro-
 ara-se a resistência germânica do terrível baluarte. O Marechal Masca-
 renhas de Moraes em seu livro "A F.E.B. pelo Seu Comandante", assim
 se refere a essa conquista: "A manobra de Castelnuovo, notável pela
 precisão do planejamento e fidelidade da execução, deu à brilhante vi-
 tória assinalado estilo e acentuada elegância".



DECRETO N.º 3418 DE 5 DE MAIO DE 1969
Dispõe sobre denominação de vias públicas da
cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25 da Lei n.º 9842 de 19 de setembro de 1967 (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas, "RUA CASTEL NUOVO", a rua que tem início na Avenida John Boyd Dunlop, é formada pela rua A e termina na rua D, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA FORNOVO", a rua que tem início na Avenida John Boyd Dunlop, é formada pelas ruas 4 e 22 e termina na rua 35, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA MONTESE", a rua que tem início na Av. John Boyd Dunlop, é formada pelas ruas 5 e 23 e termina na rua 35, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA COLLECCHIO", a rua que tem início na rua 19, é formada pelas ruas 7 e 24 e termina na rua 35, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA CAMAIORE", a rua que tem início na rua 19, é formada pelas ruas 9 e 25 e termina na 33, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA MONTE PRANO", a rua que tem início na rua 19, é formada pelas ruas 14 e 27, e termina na rua 33, todas da Vila Castelo Branco;

"RUA ZOCCA", a rua que tem início na rua A, é formada pela rua 33 da Vila Castelo Branco e termina na Avenida 2 do Jardim Londres".

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 5 de maio de 1969

sa) DR. ORESTES QUERCIA

Prefeito Municipal

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES

Secretário dos Negócios Jurídicos

Lavrado na Consultoria Jurídica da Prefeitura Municipal de Campinas, por mim Edith Stefanini, aos 5 de maio de 1969, e publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, na mesma data.

a) GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE

Chefe do Gabinete



DECRETO N.º 5245, DE 7 DE OUTUBRO DE 1977

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas a seguir descritas, localizadas na Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA CONSELHEIRO JOAO ALFREDO" a Rua 1, continuação da rua do mesmo nome do Jardim Garcia — 1.ª gleba, com início na divisa com a Vila Castelo Branco e término na Rua 2 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;
 "RUA CORRUIRA" a Rua 2, com início na Rua 1 e término na Rua 3 do mesmo loteamento;
 "RUA TRANSAMAZÔNICA" a Rua 3, continuação da rua do mesmo nome, com início na Rua Transamazônica e término na divisa Norte do mesmo loteamento;
 "RUA CURIANGO" a Rua 4, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;
 "RUA CURIO" a Rua 5, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;
 "RUA FLAMINGO" a Rua 6, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;
 "RUA GAIVOTA" a Rua 7, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;
 "RUA GATURAMO" a Rua 8, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;
 "RUA GRALHA" a Rua 9, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;
 "RUA CASTELNUOVO" a Rua 10, continuação da rua do mesmo nome da Vila Castelo Branco, com início na Rua Castelnuovo e término na Rua 3 do mesmo loteamento;
 "RUA GUAINUMBI" a Rua 11, com início na Rua 10 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;
 "RUA INHAMBU" a Rua 12, com início na Rua 20 e término na divisa do Jardim Londres;
 "RUA IRERÉ" a Rua 13, com início na Rua 12 e término na Rua 16 do mesmo loteamento;
 "RUA JACAMIM" a Rua 14, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;
 "RUA JURITI" a Rua 15, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;
 "RUA JANDAIA" a Rua 16, com início na Rua 11 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;
 "RUA MACUCO" a Rua 17, com início na Rua 16 e término na Rua 20 do mesmo loteamento;
 "RUA MARTIM PESCADOR" a Rua 18, com início na Rua 22 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;
 "RUA MARACANÁ" a Rua 19, com início na Rua 12 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;
 "RUA PERIQUITO" aquela formada pelas Ruas 20 e 24, com início na Rua 12 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;
 "RUA PAPAGAIO" a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 22 do mesmo loteamento;
 "RUA PINTASSILGO" a Rua 22, com início na Rua 21 e término na divisa com o Jardim Londres;
 "RUA PELICANO" a Rua 23, com início na Rua 33 do Jardim Londres e término na Rua 3 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;
 "RUA PINGUIM" a Rua 25, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;
 "RUA PARDAL" a Rua 26, com início na divisa com o Jardim Londres e término na divisa Norte da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;
 "RUA PATURI" a Rua 27, com início na Rua 25 e término na Rua 30 do mesmo loteamento;
 "RUA ROLINHA" a Rua 28, com início na Rua 23 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;
 "RUA SARACURA" a Rua 29, com início na Rua 23 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;

"RUA SERIEMA" a Rua 30, com início na Rua 31 e término na Rua 6 do mesmo loteamento;
 "RUA SOCO" a Rua 31, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;
 "RUA SAIRA" a Rua 32, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;
 "RUA SABIA" a Rua 33, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;
 "RUA TUCANO" a Rua 34, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;
 "RUA TUIM" a Rua 35, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;
 "RUA TANGARA" a Rua 36, com início na Rua 33 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;
 "RUA UIRAPURU" a Rua 37, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;
 "RUA JACUTINGA" a Rua 38, com início na Rua 37 e término na Rua 41 do mesmo loteamento;
 "RUA JAO" a Rua 39, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;
 "RUA SANHAÇO" a Rua 40, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;
 "RUA AVINHADO" a Rua 41, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;
 "RUA FAISAO" a Rua 42, com início na Rua 31 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;
 "RUA EMA" a Rua 44, com início na Rua 23 e término na Rua 51 do mesmo loteamento;
 "RUA CALHANDA" a Rua 45, com início na Rua 37 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;
 "RUA JACUJ" a Rua 46, com início na Rua 45 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;
 "RUA AÇOR" a Rua 47, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;
 "RUA MERGULHAO" a Rua 48, com início na Rua 34 e término na Rua 49 do mesmo loteamento;
 "RUA TENTILHAO" a Rua 50, com início na Rua 49 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;
 "RUA CORMORAO" aquela formada pelas Ruas 51, 52 e 53, com início na Rua 44 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;
 "RUA CANINDE" a Rua 54, com início na Rua 3 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 7 de outubro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL
 Prefeito do Município de Campinas
 DR. RALPH TORTIMA STETTINGER
 Secretário dos Negócios Jurídicos
 Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
 Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica — com os elementos constantes do protocolado n.º 8.957, de 15 de abril de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 7 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
 Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA CASTEL NUOVO

ANPV 1.155.4



RUA CASTEL NUOVO

CASTELNUOVO, Combate de, - Ação das tropas brasileiras na Itália, na II Grande Guerra, que resultou na tomada de Castelnuovo, 5-3-1945, êxito de importancia fundamental para operações posteriores no mesmo setor, no início da grande ofensiva da primavera.

(Extraído de página 25, volume 5, da Enciclopédia Brasileira Mérito).

O GLOBO - 14-ABRIL-1977

Ordem-do-Dia de Sylvio Frota exalta ação da FEB na Itália



BRASÍLIA (O GLOBO) — Na ordem do dia referente às vitórias da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália, que será lida hoje nas unidades do Exército em todo o País, o Ministro Sylvio Frota lembra que "foram as armas totalitárias do nazi-fascismo que fizeram o cemitério de Pistóia". Diz também que "qualquer condescendência ou concessão ao marxismo é, portanto, uma traição à memória daqueles que repousaram no campo-santo, bem como uma afronta aos sentimentos patrióticos dos que voltaram".

É o seguinte o texto da ordem do dia:

"As bramas de um passado de pouco mais de três décadas começam a esconder os angustiantes e tenebrosos dias da II Guerra Mundial, quando os postulados básicos da civilização ocidental viram-se ameaçados de destruição pela insânia do nazi-fascismo. Passam-se os anos, na inexorável marcha do tempo, sendo, por isto, um dever cívico reavivar às nações bem formadas os feitos notáveis de seus filhos. A nossa participação, no maior conflito que registra a história, está entre os acontecimentos dignos de serem rememorados.

"Berço de um povo pacífico, porém viril, afastado do caldeirão efervescente da Europa, confiava o Brasil poder manter sua neutralidade diante de uma guerra indiscriminada, a despeito da simpatia de nossa gente pela causa dos Aliados, inspirada na natural repulsa à doutrina expansionista e aos métodos desumanos das potências do Eixo.

"O afundamento, injustificado e traiçoeiro, de navios mercantes nacionais, erpilhados no legítimo exercício da navegação de cabotagem ou de comércio internacional, iria tirar do Governo a esperança de afastar-se da luta, que se alastrava a todos os continentes. O estado de beligerância foi então declarado, como a primeira medida para desagrarar a Nação, ferida em sua soberania e traumatizada com a perda de centenas de seus filhos, submergidos no oceano pela brutalidade de uma agressão covarde.

"Apesar das enormes dificuldades iniciais, organizou-se a Força Expedicionária Brasileira, que, nos campos de batalha do ultramar, iria provar o dano do nosso soldado.

"Desembarcando em Nápoles, no momento em que a invasão da Normandia, desfalecia os Aliados, no teatro de operações do Mediterrâneo, de muitas grandes unidades, a Força Expedicionária viu-se empenhada, sem descanso, em missões diversas, desde ações de movimento até a fase da longa e onerosa defesa de inverno. Nesta ocasião, pretendendo-se aliviar a pressão alemã sobre o setor de Bolonha, foram realizados, sob clima inclemente, sem apoio aéreo e em larga frente, quatro malogrados ataques a Monte Castelo, bastião-chave do dispositivo ini-

migo. Tal propósito custou a vida de numerosos expedicionários, tombados nas escarpas geladas da sinistra elevação.

"Ao término do inverno, decidiu o Comando aliado retomar a iniciativa, visando à conquista de posições favoráveis à grande ofensiva da primavera. Oferecia-se, assim, nova oportunidade para a captura do baluarte — com fama de inexpugnável — que se transformara em sorvedouro de preciosas vidas.

"Ao cair da tarde de 21 de fevereiro de 1945, quando a penumbra crepuscular começava a envolver os Apeninos, os intrépidos homens do Regimento Sampaio, com o apoio dos fogos precisos da artilharia divisionária e cobertos pelas esquadrilhas brasileiras do 1º Grupo de Caça, dominaram o cume da elevação. Era, finalmente, a vitória, unguindo de heroísmo uma tropa que, na lama, na neve, nas vigílias exaustivas, nas patrulhas arriscadas e, até mesmo nos reverses — que a nenhum exército poupam —, enrijecera sua tempera, aumentara a agressividade e aprimorara a eficiência. Entretanto, não foi apenas Monte Castelo o único sucesso importante que colhemos, em solo europeu.

"Castelnuovo — tipo de manobra tática bem planejada e magnificamente executada — foi ação militar da qual podemos, com justiça, nos orgulhar. O valeroso 6º Regimento de Infantaria realizou, neste combate, audaciosa progressão, no flanco dos teutos, pelas cristas erçadas de picos, com o objetivo de certá-lhes a retirada.

"Montese, a mais sangrenta epopeia das nossas armas na Itália, é outra página fulgurante, que dignifica nossas melhores tradições guerreiras. Na jornada memorável de 14 de abril de 1945, do poderoso dispositivo de ataque do IV Corpo de Exército, apenas os brasileiros cumpriram integralmente a missão, cabendo, nesse dia, aos bravos do 11º Regimento de Infantaria a glória de conquistar, sob maceio bombardeio da artilharia alemã, a localidade que abriria aos aliados as portas do vale do Rio Pó.

"Meus comandados

"Evocando, reverentemente, os feitos da Força Expedicionária Brasileira, rendemos nossa comovente homenagem aos que pagaram, com o sacrifício supremo de suas vidas, o preço da nossa liberdade e aos que, retornando à Pátria com as cicatrizes honrosas de suas mutilações físicas, cu trazendo, no íntimo de suas almas, as marcas invisíveis, mas indelévels, da terrível conflagração, contribuíram para reforçar, em nós, a convicção de que não se pode transigir com a prepotência.

"Lembremo-nos, igualmente, dos nossos irmãos da Marinha e da Aeronáutica que, nos perigosas águas do Atlântico ou nos céus de azuiz e além-mar, bateram-se até a morte pela perpetuação da democracia, conungan-

do conosco dos mesmos ideais e princípios.

"Hoje, turvam-se, novamente, os horizontes com a ameaça do totalitarismo, que, alimentado pela inépcia e tibieza de potências democráticas, ressurgiu da hecatombe, para angustiar a humanidade com o terrorismo, a infiltração corruptora da juventude, com as invasões de países soberanos para accorrentá-los à órbita comunista, e o aviltamento de nossos valores morais e espirituais. É preciso, por conseguinte, recordar, principalmente às novas gerações, que foram as armas totalitárias do nazi-fascismo que fizeram o cemitério de Pistóia. Qualquer condescendência ou concessão ao marxismo é, portanto, uma traição à memória daqueles que repousaram no campo-santo, bem como uma afronta aos sentimentos patrióticos dos que voltaram.

"Interpretando o pensamento de Thomas Carlyle, de que o herói representa uma raça, uma época e uma fé, podemos dizer que os nossos heróis — na cruenta campanha do Velho Mundo — foram, também, símbolos representativos de um povo que, dos canaviais nordestinos da Insurreição Pernambucana às frigidíssimas montanhas da península itálica, defendeu sempre a condição de ser livre; de um período histórico, marcado pela violência ideológica, em que a força tenta esmagar o direito e, finalmente, de uma crença inabalável de que as virtudes cristãs são as únicas capazes de conduzir as nações pelo caminho de uma paz duradoura.

"A todos — mortos e vivos — devemos este generoso exemplo de abnegação e de amor à Pátria. Aos mortos tributamos nossa eterna veneração; aos vivos, nossas inextinguíveis admiração e solidariedade."

Palestra

Como parte das comemorações das vitórias da FEB na campanha da Itália, o Comandante Militar do Planalto, General Darcy Lázaro, proferirá hoje, às 14h30m, uma palestra no auditório do Quartel-General do Exército, no Setor Militar Urbano. Comparecerá o chefe do Estado-Maior do Exército, General Fritz Azevedo Manso.

Por ocasião da abertura da reunião, será lida a ordem do dia do Ministro Sylvio Frota.

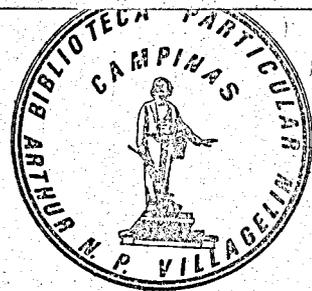
Em São João del Rei

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — O General Antônio Bandeira, comandante da IV Divisão de Exército, com sede nesta capital, preside hoje, em São João del Rei a solenidade de comemoração dos 32 anos das vitórias da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália. As comemorações em São João del Rei terão destaque especial, pois foi dali que saiu o 11º Batalhão de Infantaria, que conquistou Montese no dia 14 de abril de 1945.

Autoridades civis e religiosas comparecerão ao ato, em que será lida a ordem do dia do Ministro do Exército.

REALIZAÇÃO DO COMBATE DE CASTELNUOVO

(5-março-1945)



Arrumara-se o Batalhão Gross (I/6º R.I.) na base de partida, no decorrer da noite de 4 para 5.

Buscando garantir condições excelentes para o desembocar desse Batalhão, o Coronel Nelson de Melo determinou a realização de um reconhecimento ofensivo contra Cota 702.

Esta operação preliminar de que foi incumbida a 1ª Companhia I/6º R.I. (Capitão Alberto Tavares), teve o seu desenvolvimento algo retardado pela compacta concentração de fogos das armas automáticas inimigas.

Localizados com precisão esses núcleos defensivos dos contrários, bombardeios violentos de nossos morteiros facilitaram a execução de um pequeno movimento contra o flanco da resistência revelada, forçando-os ao retraimento.

Reações dos contrários surgem no Soprasasso, mas são logo abafadas pela concentração violenta e rápida dos morteiros dos I e II Batalhões, oportunamente desencadeada à ordem do comandante do 6º R.I.

Os resultados foram decisivos.

A defesa germânica de Cota 702 baqueou. Rápidamente se lançou sobre essa elevação, para firmar sua posse, a 1ª Companhia I/6º R.I. E assim conseguiu o 6º R.I. boa base de partida, de onde se lançaria, no momento oportuno, sobre o remitante Soprasasso e o povoado de Castelnuovo.

Enquanto esse Regimento resolvia a ocupação de sua base de partida, o R.I. do Coronel Delmiro de Andrade enfrentava situação diversa, para realizar operação análoga.

Por volta das 9,30 horas do dia 5 de março, os Batalhões Lisboa e Ramagem (I/11 R.I. e II/R.I.), buscando aproximar-se de suas bases de partida, balizadas, "grosso modo", pela linha de Pracaria - Iareda di Sopra, foram hostilizados sobresseladamente por fogos de armas automáticas postadas na região de Castelnuovo.

Ainda não se processara a arrumação do escalão de ataque nos locais previstos de partida, quando os contrários já iniciavam severo bombardeio nas adjacências de Lissano, onde no momento se articulava a 6ª Companhia, na situação de reserva do Batalhão Ramagem.

Intensificara a artilharia alemã, desde dez horas, as atividades de contrapreparação, particularmente sobre a base de partida do 11 R.I.



REALIZAÇÃO DO COMBATE DE CASTELNUOVO

Fls. 2 -

Os claros iam-se tornando mais com esses certos bombardeios e os Batalhões do escalão de ataque só partiriam para seus objetivos no momento determinado pelo comandante do IV Corpo de Exército.

Contingências dos ataques combinados das duas Divisões atacantes (10a. Divisão de Montanha e 1a. Divisão de Infantaria Expedicionária) impediram que antes se processasse a partida da ação brasileira.

Enquanto se escoava lentamente esta expectativa angustiada, os Batalhões Lisboa e Ramagem (I/11 R.I. e II/11 R.I.) tiveram inúmeras vidas patricias ceifadas pelos repetidos canhoneios da implacável artilharia germânica.

Antes, porém, a nossa Artilharia Divisionária, comandada pelo General Cordeiro de Faria, efetuou excelente trabalho para o escalão de ataque.

Desencadeou inúmeras concentrações sobre pontos prováveis da observação contrária.

Seus bombardeios, verdadeiras marteladas, castigaram numerosos abrigos e casamatas.

Não obstante essa atividade dos nossos canhões, diversas armas automáticas inimigas, dispostas no Soprasasso, despejaram rajadas na tropa do Major Gross (I/6º R.I.), mal desembocou de sua base de partida.

Além disso, minas e armadilhas ("boobytraps"), colocadas nos pontos de passagem forçada, obrigaram esse Batalhão a movimentar-se através de terrenos áfíceis o que deu causa a retardar o seu avanço e proporcionou muita fadiga aos seus homens.

Em virtude do proósito do nosso chefe divisionário de "atingir, ainda na jornada de 5 de março, a localidade de Castelnuovo", o comandante do 6º R.I. determinou ao Batalhão do Major Gross não só o prosseguimento de seu ataque à Cota 722, mas também a obrigação "deixar para trás a resistência do Soprasasso".

Ao mesmo tempo, o Coronel Nelson de Melo incumbiu o II/6º R.I. de liquidar os núcleos germânicos do Soprasasso, principalmente os que dificultavam o avanço do I/6º R.I., castigando-lhe o flanco direito.

Nesse momento, em razão de elementos do I/6º R.I. estarem nas proximidades de Cota 722, seu segundo objetivo, os bombardeios de nossa artilharia e morteiros se deslocaram para Castelnuovo e Cotas 720, 644, facilitando sobremaneira a manobra do Batalhão do Major Gross.

Enquanto o 6º R.I. progredia segundo a crista de Palazzo - Castelnuovo e buscava aniquilar o incômodo Soprasasso, o Regimento

REALIZAÇÃO DO COMBATE DE CASTELNUOVO

- Fls. 3 -



do Coronel Delmiro arrancava vigorosamente da região de Precaria - Iareda Di Sopra, não só cobrindo com seu Batalhão Lisboa (I/11 R.I.) o flanco daquele R.I. senão também realizando o desbordamento de baluarte de Castelnuovo.

O torneamento por Leste desse ponto forte ficou à cargo do Batalhão Ramagem (II/11 R.I.)

Contínuos bombardeios de artilharia e morteiros inimigos dificultaram a progressão do II/11 R.I.

E, mal desembocou de sua base de partida, a 4a. Companhia/II/11 R.I., sob o comando do Capitão Erix Motta, passou a ser pesadamente hostilizada pelas repetidas barragens de metralhadoras, localizadas na região Sudeste de Castelnuovo.

Incontinenti se fez sentir o apoio de nosso canhões e morteiros, a fim de facilitar e assegurar o movimento do Batalhão Ramagem (II/11 R.I.) segundo a crista La Spiaggia - Ca Di Ble.

Apesar de resistências reveladas e campos minados retardarem a progressão, a 4a. Companhia, às 13,30 horas, conquistava La Spiaggia e, duas horas e meia depois capturava o casario de C. Bonzone, levando à efeito o desbordamento de Castelnuovo.

Imediatamente, outros elementos do Batalhão Ramagem (II/11 R.I.) estenderam lateralmente a conquista, consolidando e ampliando o torneamento do baluarte.

Anoitecia. Nossa artilharia continuava a martelar Castelnuovo.

O 6º R.I., com o seu II Batalhão, já subjugara o Soprasasso. Pouco faltava para às 19 horas quando elementos da 3a. Companhia/I/6º R.I. (Capitão Aldenor S. Maia) entravam vitoriosos em Castelnuovo.

Esborocara-se a resistência germânica do terrível baluarte.

O aproveitamento do êxito se processou na jornada de 6, mediante o emprego de fortes patrulhas lançadas até a transversal C. Sassa - Serra Di Gatto e segundo os eixos predeterminados.

A manobra de Castelnuovo, notável pela precisão do planejamento e fidelidade da execução, deu à brilhante vitória assinalado estilo e acentuada elegância.

999 Nas ações de Castelnuovo, foram apurados os seguintes resultados:

6º R.I.: baixas: 35 (3 mortos, 21 feridos e 11 acidentados); prisioneiros capturados: - 81 alemães;

II/11 R.I.: baixas: 33; prisioneiros capturados: 10 alemães.

(Extraído de fls. 168 a 171 do livro "A F.E.B. pelo Seu Comandante", de autoria do Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, 2a. edição, julho de 1960).



Três glórias da FEB

General Carlos de Meira Matos

O Jabo 21.2.1969

Transcorre hoje o 21º aniversário dos combates de Monte Castelo, La Serra e Castelnovo, brilhantemente vencidos pela FEB na Itália. O General Meira Matos celebra no texto abaixo, esses feitos gloriosos de nosso Exército.

A data que hoje comemoramos é sobremaneira expressiva para as nossas Forças Armadas. Sua significação ultrapassa mesmo o âmbito da glória militar para projetar-se na dimensão de um feito de armas que traz em si o justo motivo de orgulho de uma Nação inteira.

Realmente, antes de ser soldado, o vencedor d. Monte Castelo, La Serra e Castelnovo é um brasileiro — produto dessa mescla racial e social admirável que encontrou o caminho de sua integridade e de sua afirmação como povo, em um modo de ser próprio em que a bravura, com modéstia, a dignidade, sem alardes e a inteligência, com engenhosidade, são as marcas mais características. Essas bravura, dignidade e engenhosidade brasileiras, inerentes mais a um povo que a um contingente militar, foram postas à prova há 24 anos passados, na forja ardente e sangrenta dos combates travados nos contrafortes dos Apeninos italianos, pelos representantes desta jovem e pacífica Nação do Novo Mundo que pela primeira vez compararia ao teatro de uma guerra no Velho Mundo.

Afirmou-se ali a tempera brasileira e gloriou-se o seu soldado.

Mas, quem eram os combatentes de Monte Castelo, La Serra e Castelnovo? Homens humildes do povo, convocados para a guerra, na sua maioria, agricultores dos subúrbios da Guanabara e do interior de São Paulo e Minas Gerais, outros retirados de trás dos batões, e dos escritórios de professores modestas de várias cidades do País. Chamados a servir, compareceram aos quartéis com orgulho e destemor. Não usaram subterfúgios para fugir ao dever. Sabiam que haviam enfrentar o famoso Exército Germânico de Hitler, mas isto não lhes importava, ao contrário, estimulava-os o desafio. Daqui partiram esperanças e confianças.

Quem enquadrava esse punhado extraordinário de civis fardados? Oficiais e Sargentos profissionais, formados na escola do dever e da disciplina, além de jovens e valorosos tenentes da reserva oriundos dos CPOR.

Quem os comandava? Comandou-os na Guerra e comanda ainda hoje a nós todos, com o seu exemplo inigualável de chefe militar austero, competente e capaz, o Marechal Mascarenhas de Moraes, idealizador e batalhador incansável pela construção do imponente Monumento, onde os mortos da FEB puderam ser lembrados e cultuados diariamente, e em comemorações como esta, para exemplo perene às gerações posteriores.

Pela primeira vez assistimos a esta efeméride de 21 de fevereiro após a morte do Marechal Mascarenhas de Moraes. Comandante que levou e trouxe a FEB do teatro de guerra europeu,

Partiu vencendo dificuldades e incompreensões mil e retornou com a sua FEB coberta de lauréis. A pureza de sua glória, como a de Caxias, pertence hoje à História e palra muito acima da opinião dos pigmeus da inveja e da solécia. Já disse Napoleão que:

"Não há substitutivo para a vitória".

Clausewitz completou afirmando:

"A vitória é a consagração indiscutível".

Neste 24º aniversário dos combates cruentos de uma série em que Monte Castelo é a estrela maior, não poderíamos prestar maior prelo aos combatentes dessas retregas, aos mortos e aos vivos, do que entregar a palavra ao Comandante da FEB. Ele nos dirá, com a sua autoridade maior, o que foram Monte Castelo, La Serra e Castelnovo.

Monte Castelo, 21 de fevereiro de 1946, objetivo conquistado pelo nosso 1º Regimento de Infantaria, o Sampaio, no âmbito de uma operação conjunta:

"Com a conquista dessa elevação, escreveu a Força Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida, Monte Castelo, resistindo durante três meses as investidas das armas aliadas, erigiu-se na cidadela da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representava um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terra de ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente. Significou sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisséia anônima de três meses das avançadas sob nevascas contantes no gelo resvaladido, a se esgueirarem através dos núcleos da defesa inimiga, em busca de prisioneiros e vitórias. Sumiçou de centenas de vidas patrióticas, sua captura pelas nossas forças constituiu dever de consciência e imperativo de dignidade militar. Assinalou o início de uma série de vitórias, que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército".

La Serra, prolongamento do combate de Monte Castelo, levado avante mais uma vez pelo 25º Regimento de Infantaria, foi a culminação de uma série de ações que se estenderam de 23 a 25 de fevereiro. Sobre este combate assim se expressou o Comandante da FEB:

"Desenvolveu-se a ação ofensiva através dos campos minados e de incessantes bombardeios, até a conquista do objetivo, praticamente culminado às 23 horas. Efectuada a captura a La Serra, era de se esperar a reação inimiga. E essa não se fez tardar. Suciu rapidamente e incisiva, prolongando-se por sete horas consecutivas de esforços des-

perados e resultados infrutíferos para retornar à posição."

Sobre Castelnovo é ainda o Comandante da FEB quem tem a palavra:

"Pouco faltava para as 19 horas (de 5 de março), quando elementos do 6º RI entravam na posição germânica do terrível baluarte. A manobra de Castelnovo, notável pela precisão do planejamento e fidelidade de execução, deu à brilhante vitória assinalado estilo e acentuada elegância."

Substituindo o conceito do orador pela própria palavra escrita do inesquecível Comandante da FEB, para dizer o que foram os episódios belcos aqui lembrados, cremos ter propiciado a homenagem que todos nós, hoje, a ele queremos prestar, juntamente aos heróis tombados em Monte Castelo, La Serra e Castelnovo.

O. Excelentíssimo Senhor Ministro, General Aurélio Lira Tavares, no desvêlo com que vem procurando manter vivo o culto aos nossos heróis, sabe muito bem que está zelando pela continuidade das mais caras tradições de nosso Exército. No processo histórico brasileiro, a presença do Exército é uma constante de bravura, de desenvolvimento e de amor à Pátria. Nos campos de batalha da Cisplatina, na Campanha do Paraguai na Campanha da Itália, soube o Exército conservar sempre bem altas essas valiosas tradições.

A Revolução de 31 de Março encontrou o Exército e as suas colirmãs, a Marinha de Guerra e a Aeronáutica, unidos nessa mesma linha tráfico-mar de luta por um Brasil maior, por uma Nação mais próxima de alcançar o seu destino geopolítico de grandeza e de poder. Fiéis aos valores pelos quais continuamente pelejaram, os mesmos pelos quais morreram os bravos de Monte Castelo, La Serra e Castelnovo, nossas Forças Armadas, hoje aqui representadas pelos seus Ministros Militares e pelos seus mais altos chefes, cultuam os seus heróis e reafirmam, perante eles, as suas convicções e o seu espírito de luta. As Forças Armadas que na II Guerra Mundial souberam apresentar-se coesas no campo da batalha, em terra, mar e ar, para que o nosso estilo democrático de vida não fosse tragoado pela voragem do nazifascismo, continuam de pé e alertas, defendendo os mesmos ideais e princípios democráticos, hoje herdados pela Revolução de 31 de Março, contra os extremistas de todos os matizes, os aventureiros de todos os coloridos e os oportunistas e corruptos de todas as origens que, sob pretextos e artifícios vários, perseguem o caminho do caos, da violência e das desordens, tentando impor aos brasileiros o seu regime materialista, frio, cruel e opressivo.